



# Manuel Bandeira

RETRATO de Manuel Bandeira. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3198/retrato-de-manuel-bandeira>>. Acesso em: 10 de Mai. 2021. Verbetes da Enciclopédia.

# IMAGEM

És como o lírio alvo e franzino,  
Nascido ao pôr-do-sol, à beira d'água,  
Numa paisagem erma onde cantava um sino  
A de nascer inconsolável mágoa...

A vida é amarga. O amor, um pobre gozo...  
Hás de amar e sofrer incompreendido,  
Triste lírio franzino, inquieto e ansioso,  
Frágil e dolorido...

Publicado originalmente  
em *A cinza das horas*  
(1917)

# A ESTRADA

Esta estrada onde moro, entre duas voltas do caminho,  
Interessa mais que uma avenida urbana.

Nas cidades todas as pessoas se parecem.

Todo mundo é igual. Todo mundo é toda a gente.

Aqui, não: sente-se bem que cada um traz a sua alma.

Cada criatura é única.

Até os cães.

Estes cães de roça parecem homens de negócios:

Andam sempre preocupados.

E quanta gente vem e vai!

E tudo tem aquele caráter impressivo que faz meditar:

Enterro a pé ou a carrocinha de leite puxada por um bodezinho manhoso.

Nem falta o murmúrio da água, para sugerir, pela voz dos símbolos,

Que a vida passa! que a vida passa!

E que a mocidade vai acabar.

Petrópolis, 1921

Publicado originalmente  
em *O ritmo dissoluto*  
(1924)

## GESSO

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova  
- O gesso muito branco, as linhas muito puras –  
Mal sugeriria a imagem de vida  
(Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.  
O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina amarelo-suja.  
Os meus olhos, de tanto a olharem,  
Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

Um dia mão estúpida  
Inadvertidamente a derrubou e partiu.  
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos, recompus a figurinha que chorava.  
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo mordente da pátina...

Hoje este gessozinho comercial  
É tocante e vive, e me fez agora refletir  
Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu.

Publicado originalmente  
em *O ritmo dissoluto*  
(1924)

## O CACTO

Aquele cacto lembrava os gestos desesperados da estatuária:  
Laocoonte estrangido pelas serpentes,  
Ugolino e os filhos esfaimados.  
Evocava também o seco nordeste, carnaubais, caatingas...  
Era enorme, mesmo para esta terra de feracidades excepcionais.

Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz.  
O cacto tombou atravessado na rua,  
Quebrou os beirais do casario fronteiro,  
Impediu o trânsito de bondes, automóveis, carroças,  
Arrebentou os cabos elétricos e durante vinte e quatro horas privou  
/a cidade de iluminação e energia:

- Era belo, áspero, intratável.

Petrópolis, 1925